

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER: Luiz Fria
DIRETOR DE REDAÇÃO: Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES: Carlos Fonce de Leon e Jádil Brito
CONSELHO EDITORIAL: Fernando Diamante, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pessio Arão, Ronaldo Lemos, Thiago Amaro, Luis Fria e Sérgio Dávila (presidente)
DIRETOR DE OPINIÃO: Gustavo Fatsu
DIRETORIA EXECUTIVA: Alexandre Bonazzi (financeiro, planejamento e novos negócios), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benes (comercial)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Viagem ao passado

Com retomada de refinaria, plano de Mantega na Vale e política industrial, Lula revisita velhos erros

Uma característica de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em seu primeiro mandato é a falta de compromisso com os fatos quando tenta reabilitar fracassos de suas gestões anteriores, sejam obras ou pessoas.

Entre os empreendimentos, um dos mais notórios é a desastrosa refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, exemplo completo de mandonismo, corrupção e incompetência gerencial nas administrações petistas, cuja construção se

rá agora retomada pela Petrobras. Concebida com o parcerio ideológico Hugo Chávez para processar petróleo venezuelano, o projeto foi todo lançado pelo Brasil. As obras consumiram US\$ 8 bilhões, quase dez vezes o orçamento original, e foram paralisadas em 2012 com a exposição dos escândalos na Petrobras. Só a primeira unidade da refinaria foi inaugurada, em 2014.

A estatal agora promete que gastará "apenas" mais R\$ 8 bilhões para ampliar a capacidade da unidade existente e completar a construção de outra. A promessa é elevar o processamento de 120 mil para 260 mil barris por dia de petróleo a partir de 2027; e assim reduzir a necessidade de importação de diesel. Lula foi ao canteiro de obras e se pôs a proferir falas, entre elas a risível tese de conspiração estrangeira contra a Petrobras e a velha cantilena do entreguismo de elites subversivas.

Os fatos, explicitados pelo Tri-

bunal de Contas da União em cada termo sobre o projeto lançado em 2011, são diferentes. O que houve foi o completo estouro das contas e o comprometimento da empresa num "ousado esquema de corrupção e desvio de recursos".

As questões de fundo, a que infelizmente o governo não se preocupou em responder, são se faz sentido completar a refinaria, e em caso afirmativo, se é a Petrobras a mais indicada a fazê-lo.

Dirigentes afirmam que com os recursos adicionais o projeto será rentável. É até plausível que seja (se desconsideradas as perdas anteriores), mas as contas precisam ser mostradas. A mesma promessa foi feita no início do projeto e depois ficou demonstrada a absoluta fragilidade das premissas.

É difícil acreditar que Lula e o PT tenham aprendido algo com os erros do passado quando seu governo não alimenta abertamente o plano abilitado de conduzir Guido Mantega, o ministro que geriu o colapso econômico de Dilma Rousseff, ao comando da Vale — uma empresa privatizada há 27 anos, mas ainda sob influência do Estado.

E com ideias como essas que se procura convencer que mais um plano de política industrial, prestes a ser anunciado com subsídios estatais e exigências de conteúdo local, evitirá a repetição de desperdícios, favorecimentos e resultados pífios do passado.

Receita psicodélica

Austrália autoriza uso medicinal de MDMA e psilocibina; Brasil segue refratário a avanços

O renascimento psicodélico, como se convencionou chamar o retorno de drogas alteradoras da consciência à farmacopéia psiquiátrica, torna-se realidade na Austrália. Dois pacientes receberam as primeiras prescrições de MDMA (conhecido como ecstasy) para tratamento de estresse pós-traumático. Está em vigor desde julho a concessão de licenças especiais para que psiquiatras daquele país possam recetar a droga para essa condição, mas somente agora dois médicos pioneiros cumpriam todas as exigências burocráticas.

Com o certificado, eles podem ainda prescrever psilocibina (princípio ativo dos cogumelos ditos "mágicos") para depressão.

Ambos receberam treinamento específico para se credenciar, uma exigência da Administração de Bens Terapêuticos, órgão equivalente à Anvisa na Austrália. O curso se deu na organização não governamental Mind Medicine, que fez campanha pela regulamentação de psicoterapias assistidas por substâncias psicodélicas.

Fala-se em retorno dessas drogas à medicina porque algumas delas, LSD incluído, tiveram uso clínico nas décadas de 1950-60. Desapareceram do repertório com a proibição no calor da guerra às

drogas dos anos 1970, contudo nos dois últimos decênios dúzias de testes clínicos vêm demonstrando seu potencial terapêutico. Nos Estados Unidos, onde a tal guerra começou, MDMA passou bem por ensaios de fase 1 e teve pedido de licença submetido à agência de fármacos FDA para tratar estresse pós-traumático — transtorno que acomete centenas de milhares de ex-combatentes de guerras. Se não houver percalços, a autorização pode sair ainda neste ano. Autoridades australianas se adiaram e, após rever a literatura recente, concluíram pela possibilidade de permitir a administração das duas substâncias apenas para as condições mencionadas, de modo muito restrito. Isso porque vários dos pacientes em questão não obtêm bons resultados com as terapias tradicionais disponíveis.

Trata-se de lógica humanitária que está longe de encontrar guarida no Brasil. Aqui, até o uso medicinal da maconha — já com largo emprego nos EUA e outros países — ainda encontra barreiras ditadas mais por ideologia e pânico moral do que por evidências.

Um campo novo se abre para a saúde mental com o uso controlado de psicodélicos. Faltava, no entanto, que sobra na Austrália.



A maior invenção do homem

Hélio Schwartsman

A maior invenção da humanidade não foi a roda e nem mesmo a escrita. Foram as cidades. Juntar um monte de gente num espaço mais ou menos restrito e fazer as pessoas interagirem umas com as outras foi o que permitiu a especialização do trabalho e, consequentemente, o aumento da produtividade como também a explosão de criatividade que caracterizam as sociedades humanas. A história da humanidade é em boa medida a história das cidades.

"Age of the City", de Ian Goldin e Tom Lee-Devin, faz um esboço dessa história e discute os desafios diante de nós. Foi um pouco faticoso no parágrafo anterior ao destacar os efeitos positivos da urbanização. Ela também traz um bom número de problemas, que vão de doenças à desigualdade, passando pela erosão da democracia e a mudança climática.

Com efeito, boa parte das epidemias que nos ameaçam são sustentadas em ambientes urbanos, que fazem com que um grande número de indivíduos suscetíveis ao patógeno em circulação conviva proximamente.

De modo análogo, a especialização do trabalho que gerou as classes ociosas que puderam se dedicar à inovação também produziu grupos dominantes que se apropriam de parcela substancial da renda, além de impor outras violências às cortes menos favorecidas.

Os autores sustentam que vivemos um momento decisivo. Dependendo de como respondermos a uma série de temas como trabalho remoto, gentrificação, desurbanização, termos sociedades mais ou menos harmoniosas. Cidades médias, que já foram o esteto das classes médias, perdem espaço para megalópoles como Nova York, San Francisco ou Londres, que monopolizam os bons empregos. E para lá que vão os mais afluentes. Só que a decadência das cidades que não se saíram tão bem produz ressentimentos, que fortalecem movimentos políticos populistas e antidesenvolvimentistas.

Para Goldin e Lee-Devin, o futuro depende das decisões que tomarmos agora conjuntamente.

heliog@uol.com.br

Lula no figurino de Lula

Bruno Boghossian

Lula subiu em três palanques em menos de 48 horas. Na Bahia, em Pernambuco e no Ceará, o presidente fez o que governantes fazem quando querem mostrar serviço e fazer política: assumiu o aceno para o início de uma obra, festejou a retomada de outra e lançou a pedra fundamental de uma terceira. Discursou de improviso e vestiu seu figurino.

O petista é um presidente palmar, queiro por excelência. Quase todos são, por gosto ou obrigação — a única exceção recente talvez seja Michel Temer, a quem faltavam popularidade e disposição. Mas poucos aproveitaram esse espaço para cultivar uma imagem e fortalecer uma conexão com suas bases como Lula em seus dois governos anteriores.

Nesses eventos, Lula lançava planos políticos gestados em gabinetes (o batismo de Dilma Rousseff como "mãe do PAC"), apontava quem deveria ser identificado como aliado (o palanque que dividiu com Fernando Collor em 2009) e marcava o nome de rivais (a promessa de "expulsar" o DEM da política brasileira).

O conforto que esses palcos oferecem, com plateias cheias de apoiadores, também incentiva o político a expor suas ideias e recados em estado puro. Costumam aparecer ali, de forma crua, a maneira como quer ser visto pelo eleitor, a mensagem que deseja passar e a disputa de uma terceira. Discursou de improviso e vestiu seu figurino.

Na passagem pelo Nordeste, Lula exibiu algo próximo de uma versão genuína de Lula. Em todas as praças, prometeu o aumento do salário mínimo e indicou que gostaria de ter a educação como marca deste mandato. Atacou o governo passado ("uma praga de gafanhotos que destruiu quase tudo o que a gente tinha feito") e reclamou da elite do país.

O discurso na refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, foi o mais expressivo. O petista exaltou investimentos bilionários na Petrobras, celebrou uma revanche pessoal contra a Lava Jato e partiu para cima de seus acusadores ("O inferno os aguarda"). Lula colheu aplausos de seus partidários e apertou os botões que costumam atizar a oposição.

A tarde do meu bem

Ruy Castro

Ouço dizer que a noite está acabando. Peças de teatro, shows, filmes, danças, festas, tudo hoje tem de começar mais cedo para terminar mais cedo, antes de meia-noite. As pessoas querem ir embora a tempo de pagar a condução para casa. Acham também mais seguro sair ainda de noite em volta. Outros alegam escola ou trabalho na manhã seguinte. Ninguém mais quer saber da madrugada e, para minha surpresa, não são os cretões, a turma do sub-80, que já trocou faz tempo o Johnny Walker pelo Ovaltine.

Passme: é uma exigência da geração Z, a atual galera entre 20 e 30 anos. Sobrevivente de uma geração habituada a sair de casa à noite, encher o tanque na Escócia, ouvir música ao pé do ouvido, praticar certos esportes noturnos, consumir substâncias desacomelhadas, ver o mundo na rua e tomar o café da manhã no botiquim — tudo isso várias noites por semana, às vezes indo dormir para o trabalho —, confesso minha preocupação.

Aonde iremos parar com essa juventude sensata e equilibrada? É o fim do romance, da Lua e das estrelas, dos vampiros e leibismos. E, com a noite reduzida à matiné, onde os escritores, compositores e cineastas acharão inspiração?

Fosse hoje, o clássico dos clássicos da literatura não seria "As 101 Noites", mas "As 101 Tarde". Scott Fitzgerald teria escrito "Suave é a Tarde", não "Suave é a Noite". Eugene O'Neill, "Longa jornada Terra-Adentro". Shakespeare, "Sonhos de uma Tarde de Verão". José Mojica Marins teria filmado "Ao Meio-Dia Levantei Sua Alma". Walter Khouri, "Tarde Vazia". Os irmãos Marx, "Uma Tarde na Ópera". Federico Fellini, "As Tarde de Cabiria". John Travolta, "Tribalistas de Silêncio à Tarde".

Dolores Duran teria composto "A Tarde do Meu Bem". Chico Buarque, "Tarde dos Mascarados". E os Beatles, "A Hard Day's Morning". O Revellum passaria a ser às 18h. E os turistas indo para o trabalho ao "golpe" "A Tarde, Cinderela".

Violência tem espírito

Muniz Sodré

Professora emérita da UFPA, autora entre outros, de "Pensar Negri" e "Fracasso da Gênesis nas Américas"

Há muito se fala de terra, com razão, como grande questão social brasileira. Depois, a racial. Agora a segurança pública voltou ao pólio, a grande tema sacudido a letargia oficial. Enxugue-se gelo. Mas também se verifica que paliativos pontuais aliviam a sensação de insegurança, em especial durante megaprojetos como o Revel-lon carioca, tranqüilo este ano. É imperativo, porém, associar anomia criminosa à violência estrutural, de proporções alarmantes, como condição da profunda desigualdade social, que exaspera as situações de carência e abre espaço para discursos populistas, cada vez mais corruptores da institucionalidade democrática.

Aos prováveis argumentos de que sempre foi assim e que, portanto, não haveria correlação entre estrutura e aumento de violência, convém lembrar que o populismo de direita carrega fatores intrínsecos de ruptura. Para efeitos eleitorais, faz do populismo neoliberal uma panaceia contra a insegurança, enquanto na prática a incrementa por distribuição de armas, a título de liberalismo da autoproteção. Desde o desgoverno passado, a farsa dos "CACs" é cumplice do crime organizado.

Não só armas. A tradição marcial japonesa estatua: "contra o espírito de violência". É que, além de força em ato, violência implica estado de ânimo avesso à educação social, entendida por John Dewey como "a própria vida". A falta de destruição de corpos nasce na recusa de limites à potência, danosa a noções comuns como confiança e segurança. Violência não é hereditária nem inerente à agressividade. É cultural, tem espírito e, se estimulada, cola como segunda pele em carneiros e vítimas.

Entre nós, a superestimulação coincide com a emergência do extremismo na década passada, junto à violência das redes e dos cultos que alimentam pulsões de ódio e de morte. Imagem exemplar: a vândala-golpista que, no 8/11, empunhava marteleta e se ajoelhava para rezar. A rede de webcrimes é um deserto humano portatil.

Na palavra cax, sintetizam-se fatores: além da anomia e do brutalismo intrínseco da estrutura, implosão de valores iminentes aos vínculos humanos. Não é a ausência de disciplina cívica que descelebra o caos, mas circunstâncias permissivas da fascização social. Ceder instituições implica abrir os olhos à sua ambiguidade de casa-grande, para tentar transformá-la desde dentro.

A segurança de mercado, dita "pública", não depende desse ou daquele ministério, mas de uma ampliação pactuada do Estado formal, que periga subsistir ao paralelo retorno do domínio territorial. Mas o espírito de violência só é contido por plenitude democrática e por revolução da vida, isto é, da mediações institucionais. Sem isso, o terrorismo para o trabalho. Ao governo, piloto e caos.